

## Tati em Close

Ela teve destaque em meu panô, pois reside a mais tempo em meu coração. Clara chegou depois e, muito embora tenha o dobro do tamanho, conquistou espaço devagar, com seu jeito estabanado e – acreditem! – um sorriso irresistível.

O bordado de Tati começou em Brasília, com Marilu Dumont e rendeu boas gargalhadas, pois, no início, sua expressão lembrava a de um macaco matreiro. Partimos de uma foto, tentando captar os detalhes desta dócil cachorra, que me propicia tantos momentos de alegria e conforto. Marilu, querida amiga, conseguiu com delicados pontos delinear seus traços principais: a meiguice do olhar, a suavidade dos pelos que convida ao afago e a posição de guardiã atenta de meus tesouros.



Tanto ela como Clara são “ex-moradoras” de rua, representantes de uma classe que cresce a cada dia, vítimas da insensatez e irresponsabilidade humanas. Criaturas indefesas que perambulam pelas ruas com ar desvalido, em busca de carinho e alimento e muitas vezes são enxotadas sem a menor piedade. O triste olhar parece buscar, nas pessoas que passam, o rosto conhecido daquele que as abandonou ao relento. E pelas razões mais egoístas: em virtude de férias (em julho e dezembro o número de animais abandonados aumenta sensivelmente); a chegada de um bebê em casa; o trabalho que a posse de um animal de estimação implica que, na maioria das vezes, é subestimado. As pessoas esquecem que estes pequenos seres têm fome, sede, precisam tomar banho e ter um local abrigado e limpo para dormir. As compras de “grifes” em pet-shops estimula este comportamento insensato, os animais tem o mesmo destino que as bolsas e sapatos quando saem de moda, são descartados com a mesma facilidade e substituídos por outra marca mais valorizada no mercado.



Esta é uma triste realidade dos dias atuais, derivada de uma concepção de mundo imediatista e superficial.

A mesma mentalidade que orienta aquelas donas-de-casa que, apenas atentas às novelas globais e aos ícones nelas apresentados, desperdiçam despreocupadamente a preciosa água em jatos para varrer as suas calçadas. Ou aqueles que derrubam árvores centenárias, visando o lucro fácil e acreditando na impunidade de seus atos. Esquecem que para sua própria descendência, caso a destruição de nossas matas não seja contida, só restará ar tóxico para respirar. Ou os outros que incendeiam florestas, plantando imensos canaviais que exaurem o solo e expulsam seus originais moradores que, forçados a sair de seu habitat, invadem as cidades em busca de alimento e se tornam feras ameaçadoras da vida da população humana.

Muitas espécies já se extinguíram e outras tantas seguem o mesmo caminho, imoladas pelo desatino humano.

Perdem as crianças que jamais conhecerão a beleza do vôo de certos pássaros, a maravilha das danças de acasalamento que perpetuavam as espécies, o encanto de um pio de coruja na madrugada e a luz dos vaga-lumes que iluminava as noites de minha infância.

Estas nunca colherão, emocionadas, o olhar de um beija-flor com suas próprias mãos.

